

MATRIX: UMA AVALIAÇÃO

Preparado pelo Pr. Isaltino Gomes Coelho Filho para os jovens da Igreja Batista do Cambuí. Apresentado em 26 de novembro de 2005

INTRODUÇÃO

Matrix é uma trilogia cinematográfica que encanta pelos recursos visuais e pelo bom desempenho dos artistas. Os personagens que fazem os papéis de Neo, Morpheus e Trinity são excelentes. Juntando-se os bons atores e os recursos visuais, o impacto é enorme. Além dos recursos visuais seguiu-se a técnica de congelar as imagens usando várias câmeras simultaneamente e girando o ângulo da imagem. O resultado é impressionante e foi um dos fatores de o filme ter alcançado tamanho sucesso. Além disto, o filme foi desenvolvido de maneira a deixar dúvidas. Ou seja, não é linear, objetivo, mas deixa espaço aberto para várias interpretações. Chega a ser confuso em alguns momentos. Mas sob estes aspectos há um mundo de conceitos que são passados. Tentaremos uma avaliação.

1. UMA FORMA DE COMUNICAÇÃO CULTURAL

A comunicação de nossa cultura é mais icônica, visual, que letrada. As imagens falam mais alto. Matrix não apenas têm imagens, mas têm imagens em alta velocidade, bem como imagens congeladas. Estas têm uma função de gancho, como em Comunicação: prender a atenção do assistente. Mas despertam a imaginação. E se pudéssemos parar o tempo? Se pudéssemos congelar um determinado momento difícil e buscar a saída enquanto tudo está parado?

O filme tem uma comunicação muito forte exatamente por combinar imagens em alta velocidade com imagens congeladas. E, como dito, a isto se soma o bom desempenho dos atores. O roteiro é um pouco confuso, ou aberto, como se diz em Comunicação, possibilitando interpretações. Mas é um roteiro dinâmico, ágil, surpreendente, daqueles de prender a atenção do telespectador por todo o filme. Mesmo assistindo-o em casa, eu tinha dificuldades em parar para fazer outras coisas. A atenção ficava nele.

2. CONSIDERAÇÕES GERAIS

- (1) A PROPOSTA DOS DIRETORES - Segundo um dos Wachowski, ele fora procurado para fazer um filme sobre história em quadrinhos. Originalmente, transplante de gibi. Um dos diretores, ao ler o enredo, viu que continha material alusivo a gibis, à cultura oriental e à filosofia ocidental. Eles gostaram e colocaram ainda kung fu, desenhos japoneses e ficção científica. A proposta era fazer entretenimento, e não um filme filosófico. O ator principal, no papel de Neo, disse que teve que ler sobre ficção científica (*Out of control*), robótica, e o livro *Psicologia evolucionária*, antes de ler o roteiro. As idéias de Baudrillard no livro, sobre simulacros e simulações influenciaram o filme: vivemos ou somos um sonho? O que é real? Neste sentido, o filme tem um fundo platônico: a humanidade de Matrix vive no *mundo da caverna*. Alguém tem que encontrar a resposta e conduzir os demais para fora. Um libertador, portanto. Este libertador é Neo.
- (2) SÍMBOLOS RELIGIOSOS – O vídeo que explica os bastidores do filme tem um capítulo sobre ícones religiosos. Os autores tiveram consciência de que mexiam com símbolos religiosos, mas dessacralizaram-nos. Um problema com a simbologia religiosa: o ícone (símbolo) passa a representar Deus e perde a força da ligação com ele. Porque há a simulação do ícone, e ele vira medalhinha do painel do carro, a jóia no pescoço. É degradado. Torna-se enfeite. Assim, com a dessacralização, os elementos religiosos no filme se misturam com elementos seculares. É uma crítica: o filme mostra como o homem desfigura símbolos e como os conceitos religiosos revolucionários são domesticados com o tempo. Assim se desfiguram. Os próprios autores dessacralizaram símbolos religiosos, como mostrarei na semelhança entre Neo e Jesus.

- (3) THOMAS ANDERSON OU NEO, O PERSONAGEM CENTRAL DO FILME – Era um homem que procurava a verdade em sua vida. Algo estava errado, não sabia o quê. Havia um véu. Um homem em busca da verdade, de algo que desse sentido à sua vida. Ao misturar ocidente, oriente, religião e tecnologia, o filme estabelece seu ponto de partida: a busca da verdade tem uma síntese de Oriente, ocidente e ciência. Alguém tentou colocar elementos budistas no filme. Ora, poderiam colocar elementos afros no filme, pois Morpheus e muitos personagens de peso no filme são negros. Mas colocar budismo, uma filosofia de alheamento, num filme de violência e de ideais e aspirações, é forçar a barra. Neo poderia ser tudo, menos um budista. Há um equívoco nesta interpretação “budizante” do filme: a cultura oriental é fixista, imobilista. Olha mais para o passado que para o futuro. Pessoalmente, não consigo entender a compatibilidade da ciência com o Oriente. No curso de Pedagogia tive que avaliar uma historietta. Trouxeram à presença de um rei de um desses minúsculos reinos do Oriente um homem acusado de usar uma máquina voadora. Ele caíra na plantação de um agricultor. Foi levado à presença do rei por um soldado, com o agricultor. O rei examinou a máquina, e mandou matar o seu criador, bem como o agricultor, para que não contasse nada a ninguém. Depois mandou outro soldado matar aquele soldado. Assim, ninguém ficou sabendo da máquina voadora. E de volta aos seus aposentos, descerrou uma cortina e foi brincar com uma máquina, uma reprodução de uma praça, em que todos os movimentos eram repetitivos, os transeuntes, uma carroça puxada por boi, um homem a cavalo, etc. A moral era esta: a máquina voadora traria modificações culturais e desdobramentos científicos. Era perigosa. A máquina que repetia movimentos era inofensiva. Típico do Oriente: o imobilismo e a rejeição da ciência como inovadora. É um emblema. Quando vejo admiradores do imobilismo cultural do Oriente exaltando a ciência, penso que sua cosmovisão é tipo “comida a quilo”: misturam elementos que não são compatíveis.

Neo, muitas vezes, não sabia se estava acordado ou dormindo, se era real ou sonho. Morpheus (Morfeu, deus do sono) é seu orientador. O nome do personagem é intrigante. Alguém chamou a atenção para o fato de que “Neo” é um anagrama de Noé. Mas em inglês é Noah, de maneira que a interpretação não tem sentido. Thomas é Tomé, em inglês, o nome do discípulo incrédulo. Ele não crê na profecia, não crê no Oráculo nem que ele seja o One, o “Escolhido”. Anderson significa “filho do homem”. Thomas Anderson, “filho do homem”, é o Escolhido, o messias, mas não crê nisso. Está mais para o Jesus do romance de Norman Mailer que para o dos cristãos.

- (4) A PERSPECTIVA DOS ROTEIRISTAS - Acharam que tinham em mãos o material mais fantástico que tinham lido. Mas não o entenderam completamente. Um deles, no entanto, captou o sentido: “Estou na Matrix ou na realidade?”. O filme segue uma tendência pós-modernista: não é a razão que nos faz entender o mundo, mas os sentidos. A razão confundia, mas a intuição levava-os a se situarem com o enredo. A cultura ocidental busca entender o mundo e adaptá-lo a si; a oriental busca sentir o mundo e adaptar-se a ele. Um dos roteiristas usa a expressão “desenhos conceituais”. Os conceitos não são racionais, mas de impacto. Um dos montadores disse que era um filme para afetar as pessoas. Não havia preocupação com ideologias ou religião, mas comercial. Os conceitos religiosos e filosóficos do filme são valores atribuídos, não valores veiculados. Nós assim interpretamos. Nós atribuímos valores religiosos em aspectos do filme. Ver Jesus e o cristianismo é um valor atribuído pelos assistentes, não um valor veiculado pelos diretores. Eles decalcaram o filme sobre a história de Jesus, mas não fizeram um filme cristão. Talvez tenham aproveitado a explosão de informações sobre Jesus.

3. O QUE É MATRIX?

Algumas citações do primeiro filme para nos ajudarem a entender: “Matrix está em todos os lugares (...) controla”; “É o mundo que foi colocado diante dos seus olhos”; Morpheus assim declara: “Controle. Mundo dos sonhos gerados por um computador para nos controlar, transformar o ser humano...” e mostra uma pilha de artefato eletrônico. Ainda Morpheus:

“Enquanto Matrix existir, o homem não será livre”. Embora, no último filme, Matrix exista e o Arquiteto prometa a Oráculo que quem quiser sair de Matrix poderá fazê-lo.

O filme segue a linha da trilogia *O exterminador do futuro*, principalmente o primeiro da série, embora todos os três sigam o mesmo fio condutor, e também acompanha *Eu, robô*, baseado em livro de Isac Asimov, “papa” da ficção científica. Lembra também *Blade runner*. O cenário de ambos (Matrix e Blade) é de decadência e de confusão: o que é máquina e o que é humano? Os andróides de *Blade runner* têm memórias humanas e choram. Matrix, como estes, é um filme de ficção científica. Matrix tem um enredo bastante diferente dos que nós já estamos acostumados. É um filme de ação sem lutas convencionais. É um filme de ficção sem naves no espaço sideral ou seres extraterrestres. Esta ficção de Matrix reflete sobre o perigo das máquinas ocuparem o espaço do homem. Talvez seja esta a lição mais importante. O homem vale mais que máquinas.

4. HÁ FILOSOFIA EM MATRIX?

Há filosofia em tudo que fazemos. Mas imaginar que o filme é filosófico é um pouco de exagero. Há pontos de convergência com Platão e seu mundo de idéias e os conceitos de real e ideal, e sua idéia do mundo das cavernas. Tudo que existe no mundo real, o mundo em que vivemos, é cópia de um modelo ideal. Isto bastou para longas análises filosóficas do filme. Mais uma vez, valor atribuído. Caco de Paula e Márcia Blindo escreveram um artigo intitulado “O que o filme Matrix tem a ver com o yoga?”. Dizem: “uma vez que a estrutura do filme se baseia claramente em conceitos do Hinduísmo”. O filme não se baseia claramente em conceitos do hinduísmo. Um cristão poderia dizer que filme se baseia claramente em conceitos do cristianismo, citando Hebreus 8.5: “Eles servem num santuário que é cópia e sombra daquele que está nos céus, já que Moisés foi avisado quando estava para construir o tabernáculo: ‘Tenha o cuidado de fazer segundo o modelo que lhe foi mostrado no monte’”. Um apreciador da filosofia dirá que o filme é platônico. Morpheus diz “o mundo é uma prisão”. Plotino seguiu o pensamento de Platão e legou ao cristianismo, via influência sobre Agostinho, a idéia de que o corpo é a prisão da alma. Agostinho viu Jesus como o homem que nos tira da caverna. Matrix é a prisão do indivíduo. Esta idéia de Platão, do autor de Hebreus (um cristão que fora judeu helenizado) e também hinduísta está presente em muitas categorias de pensamento. Platonicamente, o mundo de Matrix é uma prisão. Mas não da alma, como Platão. Em Matrix é mais profundo: corpo, alma e psiquê. O mundo é um programa de Matrix, que domina as pessoas. A escravidão não é mais filosófica, da mente pouco esclarecida, como em Platão, mas da mente dominada por máquinas. Isto é profundo: as pessoas hoje, não pensam. Repetem conceitos veiculados por uma mídia que as massifica. Jovens são massificados e adotam comportamentos que a Matrix cultural lhes impinge.

Morpheus, o grande discursador do filme, pergunta a Neo: “O que é real?”. E explica que são sinais interpretados pelo cérebro. Que pode se enganar. Os daltônicos sabem disto. Como daltônico eu sei. Platonicamente, no filme, o real é um caos. Morpheus mostra um deserto a Neo e diz que aquilo é o mundo real. Quem desejar compreender mais sobre esta estrutura de pensamento platônico deve ler *O mundo de Sofia*, de Gaarder. Este livro não apenas ensina sobre filosofia, mas sua estrutura literária segue o mundo das idéias de Platão.

Estranhamente, uma fala de Neo, ao lutar com Smith, no fim do terceiro filme, é existencialista, exatamente o oposto de Platão que era essencialista. Smith pergunta a Neo por que ele continua lutando. Ele responde: “Porque esta é minha escolha”. Isto é existencialismo. O homem só se afirma sem a essência, e fazendo escolhas, que afirmam a sua existência. Quem queira ver Platão deve ver Kierkegaard no filme. Neo se tornou o Escolhido porque optou. Esta visão existencialista deve ser vista associando duas questões. A primeira é o título de um livro de Sartre, *O existencialismo é um humanismo*. A outra é a resposta dada um por dos irmãos Wachowski, numa conversa *on line*. Perguntados sobre qual o lugar da fé no filme, eles responderam que a fé mostrada no filme é “fé na fé”, ou seja, fé na capacidade do homem. É fé na autodeterminação humana. O filme põe o foco no homem, não em Deus.

O que mais há em Matrix é ficção para entretenimento, e não filosofia ou teologia. Matrix é um gibi. Uma cena de um duelo entre Neo e o agente Smith lembra os duelos de bang-bang. A duelo final entre os dois, no terceiro filme, começa como os duelos de bang-bang. Neo

voa como Superman, salva Trinity como Superman salva Miriam Lane, em *Superman 1*. O filme também brinca com outros filmes. A cena do Oráculo dando comida aos pombos lembra uma cena de um dos filmes da série *Alguém lá em cima gosta de mim*, em que um velhinho bondoso faz o papel de Deus. Se tem semelhanças com o cristianismo (e tem muitas), tem com Platão, hinduísmo, tem com gibis. Tem com outros filmes.

5. DECALQUES SOBRE O CRISTIANISMO

O filme não é uma apologia do cristianismo nem de Jesus. É ficção científica que se desenvolve decalcando o cristianismo. Já vimos o significado do nome real de Neo. Já vimos o aspecto platônico do mundo das idéias, que molda o cristianismo (pelo encontro do judaísmo com o helenismo). Mas há mais. Reagan (alusão ao Ex-presidente dos EUA?) diz a Neo que ele vai salvar o mundo. A vitória sobre Matrix seria em Zion (Sião), Cypher, um dos colaboradores de Morpheus, se vende à Matrix e trai o grupo e Neo. Quando Neo é morto, o amor de Trinity (Trindade) o ressuscita. Quando Trindade é morta, o amor de Neo a ressuscita. Aliás, amor é o grande problema no filme. As máquinas se admiram do que seja amor. No terceiro filme, a acompanhante do francês diz que Trinity vai matá-lo, ela é perigosa, pois está amando. Na estação do metrô, Neo se admira do indiano amar a filha, pois são programas e amor é um sentimento humano. Máquinas não amam. Máquinas são previsíveis, e o amor é imprevisível. Aliás, o reencontro de Trinity e Neo na estação do metrô é um momento de emoção. Ela vai buscá-lo no mundo dos mortos. A Trindade vai buscar o Messias no hades ou xeol, seria uma aplicação, se fôssemos cristianizar o filme. Lembremos, ainda, que Smith diz a Neo que o amor é uma banalidade, na luta final. Amor não faz sentido para máquinas, embora muita gente ame máquinas, coisas eletrônicas.

Neo ressuscitado é imbatível. Os agentes parecem demônios e a batalha em que centenas deles travam contra Neo é antológica: Neo está vestido como um padre, e o impacto da cena é até espiritual. Também está vestido assim na batalha final. No momento antecedente à batalha, o agente Smith diz a Neo: “Eu o matei e o senhor me destruiu”. Estas palavras poderiam ser ditas por Satanás a Jesus.

Os agentes de Matrix merecem uma menção. Eles são personagens criados por Matrix para fazer com que as pessoas continuem em seu sono, sem despertar para a realidade. Uma alusão aos demônios que iludem e enganam o ser humano desde a criação (Gn 3). Por isso, a cena de impacto que comentei, da luta de Neo com centenas deles, traz Neo vestido como um padre, e numa praça que lembra a Praça de S. Marcos, no Vaticano.

Neo é o personagem que tem acesso aos dois mundos e faz a ponte entre a ilusão e a realidade. Ele é o “The One”, traduzido por “O Escolhido”. Uma alusão ao termo hebraico “Messias” ou ao grego “Cristo”.

Uma questão que toca no enredo do filme, na busca de Neo: o nome da nave dos rebeldes é Nabucodonosor, rei de Babilônia, cuja história conhecemos. Um dos Wachowski, diretor do filme, assim se refere a Nabucodonosor: “teme um sonho do qual não se lembra, mas vive procurando uma resposta”. Tal como Neo. Há uma placa na nave: “Mark III no. 11/Nebuchadnezzar/Made in USA/Year 2069”. Curiosamente, Marcos 3.11 assim diz: “Sempre que os espíritos imundos o viam, prostravam-se diante dele e gritavam: ‘Tu és o Filho de Deus’”.

Uma curiosidade teológica: a estação do metrô, onde Neo se encontra com a família indiana, que são programas que seriam deletados, pode ser identificada com o *xeol* do Antigo Testamento, ou o purgatório católico, embora os dois termos não sejam sinônimos.

O Oráculo, em conversa com Neo no terceiro filme, diz que “tudo que tem início, tem um fim”. Smith também diz isto a Neo, na batalha final, no buraco onde os dois caem. Isto lembra os dois livros limites da Bíblia, o Gênesis e Apocalipse. O mundo criado terá fim.

Mais uma questão: no terceiro filme, é a nave Logos que salva Zion. Um emblema de Jesus, o Salvador de Sião. Neo morre, na batalha final, mas o poder do mal é aniquilado. O comandante que combate Morpheus diz que não faz sentido, quando as máquinas destruidoras saem de Zion. Morpheus apenas diz: “He did” (“Ele fez”). O Salmo 22, que é messiânico, e alude à obra do Messias, Jesus Cristo, descrevendo o drama da cruz, mil anos antes, termina com estas palavras: “Ele fez”. Assemelha-se ao “Está consumado!”, de Jesus, na cruz. O

adolescente grita: “Ele nos salvou”. Neo, após sua morte final, entra num espectro de luz, de braços abertos, sereno, parecendo uma paródia de Jesus morto na cruz. Sua morte, que é sua vitória sobre Smith, traz a paz a Zion, a cidade dos humanos. O diálogo final da menina indiana com Oráculo termina com uma pergunta feita pela menina, se Oráculo acredita que um dia voltarão a ver Neo. Oráculo diz que tem certeza que sim.

6. A ESSÊNCIA DO FILME

Tudo isto é interessante e muita gente gostaria que Matrix fosse um filme cristão. Evidentemente não é. A cena de sexo entre Neo e Trinity, a orgia na dança após o discurso de Morpheus em Zion, e a extrema violência do filme, fazem dele um filme pesado. Se há espaço para algum Deus no filme, é para deus, o homem. Neo não é um tipo de Jesus. Neo nos mostra que cada homem, determinado, pode ser Jesus, pode ser um deus. O filme dessacraliza Jesus. O filme é o oposto de uma obra cristã. Usa os símbolos cristãos para um homem comum.

O filme é de fundo darwinista. Uma espécie superior se sobrepõe a outra. Mas as espécies se desenvolveram em leis da natureza. Lembremos do enredo e das discussões filosóficas da série de filmes sobre o *Jurassic Park*. Deus ou a natureza, conforme o gosto, criou as espécies. Inclusive as vencedoras. Mas o homem está criando a espécie que o substituirá. É o tema de *Eu, robô*. A espécie subserviente se torna dominadora. O Oráculo explica Darwin para Neo, de maneira cibernética: um programa invade outro programa para deletá-lo, porque é superior. É a sobrevivência do mais apto, do mais forte.

No filme, o homem destruiu o mundo para se livrar das máquinas. Produziu o holocausto nuclear para trazer o inverno nuclear e eliminar a energia de que as máquinas precisam para funcionar. Elas aproveitaram a energia do corpo humano. Cultivam gente como cultivamos alimentos. O corpo humano produz a mesma eletricidade que uma bateria de 120 volts. E o calor corpóreo é de 25.000 BTUS. Elas aproveitaram os humanos para sua sobrevivência. Elas cultivam humanos para ter energia, como os humanos cultivam plantas e criam animais para sua energia física.

O homem criou a IA (Inteligência Artificial). A IA criou uma raça de máquinas que se aperfeiçoam e se tornaram uma nova espécie, que substitui a raça humana. O filme, mesmo que não fosse esta a preocupação dos diretores, é uma crítica à robotização, à maquinização da vida e adverte sobre o perigo da IA. Os agentes são máquinas. As máquinas dominam o mundo e policiam a vida humana. A máquina pode ser o maior perigo do homem, na concepção do filme.

As máquinas falham. O *déjà vu* (“já vi isso antes”) aparece quando Neo vê um gato e a cena se repete. Alguém lhe diz que é uma falha na programação de Matrix. Na batalha final, Smith tem uma cena de *déjà vu* e se apavora. Sabe que está havendo uma falha na programação. Assim se trava a batalha final. Nela, Smith vence Neo, que se torna como Smith, mas o cérebro de Matrix destrói a obra de Smith. As máquinas estão contra as máquinas. As máquinas falham. O programa que gerou Smith se tornou independente de Matrix e Matrix precisou liquidá-lo. O homem é falho, e sua obra nunca será perfeita, é uma conclusão óbvia. As máquinas, obra humana, são falhas. Isto lembra Hal, o computador de *2001, uma odisséia no espaço*. O infalível computador falhou. Foi um humano falho, que Hal deveria eliminar, que salvou a missão. O homem ainda é mais que a máquina, lembra *2001*, e nos recorda Matrix.

À GUIA DE CONCLUSÃO - PARA PENSARMOS

O grande inimigo da raça humana não são máquinas. É o Maligno. Muito mais inteligente que qualquer máquina. Ele nos escraviza. João 8.31-36 ilustra muito bem a nossa Matrix espiritual: “Disse Jesus aos judeus que haviam crido nele: ‘Se vocês permanecerem firmes na minha palavra, verdadeiramente serão meus discípulos. E conhecerão a verdade, e a verdade os libertará’. Eles lhe responderam: ‘Somos descendentes de Abraão e nunca fomos escravos de ninguém. Como você pode dizer que seremos livres?’ Jesus respondeu: ‘Digo-lhes a verdade: Todo aquele que vive pecando é escravo do pecado. O escravo não tem lugar permanente na família, mas o filho pertence a ela para sempre. Portanto, se o Filho os libertar, vocês de fato serão livres’”. Nosso libertador não é Neo, uma figura simpática, mas patética, sem saber quem é. Aliás, Norman Mailer já fizera isto no seu livro sobre Jesus. É o Senhor Jesus, consciente de sua autoridade, como vemos em Marcos 2.8-12: “Jesus percebeu logo em

seu espírito que era isso que eles estavam pensando e lhes disse: ‘Por que vocês estão remoendo essas coisas em seu coração? Que é mais fácil dizer ao parálítico: Os seus pecados estão perdoados, ou: Levante-se, pegue a sua maca e ande? Mas, para que vocês saibam que o Filho do homem tem na terra autoridade para perdoar pecados’ - disse ao parálítico - ‘eu lhe digo: Levante-se, pegue a sua maca e vá para casa’. Ele se levantou, pegou a maca e saiu à vista de todos, que, atônitos, glorificaram a Deus, dizendo: Nunca vimos nada igual!’”.